

---

## **A independência de cada um: uma análise das definições de publicadores de Belo Horizonte para o termo (2017)<sup>1</sup>**

Flávia Denise Pires de Magalhães<sup>2</sup>

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### **RESUMO**

Em um cenário de crescimento do uso da palavra “independente” para designar de autores autopublicados a editoras de pequeno porte, o termo em si segue sem definição. A partir disso, propõe-se fazer um levantamento bibliográfico que inclui Bourdieu (1996), Szpilbarg e Saferstein (2012), Sorá (2015), López Winne e Malumián (2016), Muniz Jr. (2016) e Oliveira (2017). A partir do resultado de dois questionários aplicados a produtores de duas feiras de publicações ocorridas em 2017 na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte (Faísca – Mercado Gráfico e Textura), analisamos as definições de independente propostas pelos produtores que participaram da pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** edição; independente; feira de publicações.

### **1. Independente, o termo**

O que significa ser independente<sup>3</sup>? Alguns termos abrigam tantos significados que acabam por ter suas margens desfocadas, passando a oferecer uma definição caracterizada pela inexatidão. Esse parece ser o caso da palavra “independente” usada, no campo editorial, para caracterizar desde um autor autopublicado que distribui seus livros entre amigos até uma microeditora cujas edições ganham, com certa regularidade, grandes prêmios nacionais. Como duas práticas, de natureza e alcances tão distintos, encaixam-se na mesma definição?

Para refletirmos sobre essa questão, é preciso reconhecermos algumas vantagens para o autor que assume o lugar do marginal ou maldito. Em um campo editorial estabelecido, aquele autor, editora que se define como independente, ou seja, que declara ter algum nível de autonomia em relação à demanda, está, de certa forma,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, graduada em jornalismo pela PUC Minas (2008); e-mail: [flavia.denise@gmail.com](mailto:flavia.denise@gmail.com).

<sup>3</sup> Alguns autores fazem uso de aspas ao citar palavra “independente” como uma forma de explicitar que seu conceito é variável. Entendendo que o caráter indefinido do termo é sua principal definição, abriremos mão das aspas, abraçando, simbolicamente, as margens borradas deste termo. Apesar disso, manteremos as aspas em citações diretas de autores que as usam.

---

declarando fazer uma arte mais “pura” do que aquele autor, aquela editora que age em função da demanda. Assim, mesmo sem alcançar o “sucesso”, definido aqui no âmbito do lucro financeiro, esse artista ainda pode declarar-se bem-sucedido na acumulação de um capital cultural ou simbólico.

Qualquer tentativa de precisar o termo esbarrará em lutas internas do campo editorial. Afinal, o poder de definir as fronteiras de um campo também é o poder de legitimar ou não um agente dentro deste campo. É mudar as fronteiras do que é arte pura dentro de um campo, considerando não-autônomos artistas que se declaram independentes por terem liberdade de criação dentro de um projeto proposto por eles mesmos. Segundo Bourdieu:

As lutas internas, especialmente as que opõem os defensores da “arte pura” aos defensores da “arte burguesa” ou “comercial” e levam os primeiros a recusar aos segundos o próprio nome de escritor, tomam inevitavelmente a forma de conflitos de definição, no sentido próprio do termo: cada um visa impor os limites do campo mais favoráveis aos seus interesses ou, o que dá no mesmo, a definição das condições da vinculação verdadeira ao campo (ou dos títulos que dão direito à condição de escritor, de artista ou de cientista) que é a mais apropriada para o justificar por existir como existe. (BOURDIEU, 1996, p.252-253)

Se trocarmos a palavra “escritor”, na terceira linha, pela palavra “independente”, podemos vislumbrar como a própria busca por uma definição do termo é um movimento político que inclui e exclui, beneficia e prejudica. Ainda assim, há um movimento de discussão do termo e seus significados.

De forma geral, a busca pela definição do termo passa por uma necessidade de se fazer recortes do campo editorial de forma que esse grupo, de características tão específicas, possa ser estudado. É esse o caso da conceituação encontrada no livro mexicano *Independientes, ¿de qué?*, de Hernán López Winne e Víctor Malumian (2016). A obra é sobre a prática da edição independente na América Latina<sup>4</sup> e seus autores criam sua definição do termo a fim de possibilitar um recorte do campo. A dupla desenvolve um conceito, de forma a reduzir o número de editoras consideradas na pesquisa. Eles consideram independente a casa editorial que (1) tem um catálogo bem-delimitado e de qualidade; (2) tem cuidado com a diagramação do livro, prezando a informação; (3) tem cuidado com a impressão, fazendo da encadernação e do papel

---

<sup>4</sup> O foco são países em que é falada a língua espanhola.

---

um ponto central de suas preocupações; (4) apresenta evolução editorial ao longo de quinze anos ou mais, transformando-se a partir dos desafios; (5) contribui para a bibliodiversidade, que não se resume a publicar obras já traduzidas ou editadas, mas busca novos livros; (6) contribui para a heterogeneidade geográfica, incentivando mercados que ainda não estão em ebulição na América Latina. Bem-delineada, a definição da dupla é funcional para seus propósitos, mas não conceitua, de fato, o termo, uma vez que inclui somente empresas, não faz menção à forma de financiamento e coloca questões subjetivas, como “evolução editorial”, “cuidado com a diagramação”, entre outros.

A pesquisadora brasileira Alice Bicalho de Oliveira (2017) busca delimitar, no artigo “A independência é um modo de produção”, o campo para esclarecer o conceito. A autora descarta uma definição relacionada à origem do capital e estrutura financeira e acaba por traçar um paralelo com as vanguardas e as contraculturas, no sentido de que os produtores independentes são conhecidos por não apenas praticar um modo de fazer alternativo, mas refletir sobre seu modo de fazer no conteúdo. “Aqui ‘modo de fazer’ e ‘o que fazer’ são elementos fundamentais para a compreensão do que pode ser ‘independente’ ou não”. (OLIVEIRA, 2017, p.81). Por fim, ela reconhece que a discussão em torno da definição do termo não pode circunscrever-se à mera limitação do que é ou não é independente, mas deve passar pela análise do contexto que provoca seu uso de forma tão difundida.

Outra tentativa de delinear as margens desse conceito é a feita pelos pesquisadores argentinos Daniela Szpilbarg e Ezequiel A. Saferstein (2012), que analisam o termo a partir do que o produtor independente se opõe. Em seu artigo “El espacio editorial ‘independiente’”, Szpilbarg e Saferstein apontam seis tipos de independência. (1) “‘Independência’ em referência ao tamanho e nacionalidade do capital econômico” (SZPILBARG; SAFERSTEIN, 2012, p. 471). (2) Independência à determinada proposta cultural e estética (p.472). (3) Independência na organização de trabalho, referindo-se a editores informais (p.472). (4) Independência no processo de difusão, distribuição e comercialização (p.473). (5) Independência ao Estado (p.474). (6) Independência às corporações.

---

Szpilbarg ainda escreve que independente é uma marca de oposição ao que é consagrado comercialmente pela indústria editorial, ao circuito hegemônico de circulação literária. “Esses movimentos que se dão no interior do espaço editorial estão vinculados com processos sociais, econômicos e culturais mais amplos”<sup>5</sup> (VANOLI; SAFERSTEIN apud SZPILBARG, 2012, p.466).

Gustavo Sorá, outro pesquisador argentino, também observa o papel dos conglomerados na pesquisa do independente. Para ele, as tensões estruturais da sociedade podem ser vistas na dicotomia “grupos conglomerados – editores independentes”. “Ao redor disso se organiza um sistema de oposições complementares: transnacional – regional, uniformidade – diversidade, economia – cultura, global – local etc.”<sup>6</sup> (SORÁ, 2013, p.105-106). Sem buscar definição para o termo “independente”, ele discorre brevemente sobre a edição independente, que ele identifica como um “fenômeno visível como signo dos mercados editoriais contemporâneos [que se torna] palpável a partir de posicionamentos morais e de discursos políticos que confluem em posturas de resistência frente à concentração financeira dos conglomerados editoriais.”<sup>7</sup> (SORÁ, 2013, p.122)

De todos os pesquisadores que abordaram a questão do independente, porém, nenhum fez uma pesquisa tão aprofundada em busca do significado do termo quanto José de Souza Muniz Júnior (2016). Em sua tese, *Girafas e bonsais: editores ‘independentes’ na Argentina e no Brasil*, ele faz um esboço tipológico da produção independente nas feiras de publicações independentes de São Paulo e Buenos Aires e escreve sobre um aumento dos produtores simbólicos ditos independentes nas últimas décadas e como o adjetivo ganhou um caráter indefinido. Em sua empreitada, Muniz Jr. tomou “analiticamente as classificações operadas pelos agentes como fronteiras que eles bosquejam para fixar descontinuidades no espaço social que habitam.” (MUNIZ JR. 2016, p. 269). Explicando que o termo se recusa a ser conceituado, ele escreve:

---

<sup>5</sup> Tradução nossa. No original: “Estos movimientos que se dan en el interior del espacio editorial están vinculados con procesos sociales, económicos y culturales más amplios.”

<sup>6</sup> Tradução nossa. No original: “Alrededor del mismo se organiza un sistema de oposiciones complementarias: transnacional – regional, uniformidad – diversidad, economía – cultura, global – local, etc.”

<sup>7</sup> Tradução nossa. No original: fenómeno visible como signo de los mercados editoriales contemporâneos [que torna] palpable a partir de posicionamientos de tipo moral y discursos de estilo político que confluyen en posturas de resistencia frente a la concentración financiera de los conglomerados editoriales

---

pode-se dizer que não é sem dificuldades e tropeços que os usos da categoria “independente” no espaço editorial ganham vigência e legitimidade. Uma das evidências mais concretas disso é que ela não logrou tornar-se objeto de consenso amplo ou duradouro, pelo menos nos casos argentino e brasileiro. A história de seu relativo êxito se sobrepõe à história de seu relativo fracasso, porque a cada nova elaboração e defesa política do termo aparecem, também, uma série de recusas e detrações. (MUNIZ JR. 2016, p. 271)

Para Muniz Jr. o termo, além de escapar de definição, é “ponto de partida e não de chegada”. Levando em consideração as observações de Bourdieu (1996), Szpilbarg e Saferstein (2012), Sorá (2015), López Winne e Malumián (2016), Muniz Jr. (2016) e Oliveira (2017) e a dificuldade que esses pesquisadores apresentam em conceituar o termo, fomos a campo entrevistar os próprios publicadores que se consideram independentes sobre suas definições sobre o termo.

### **2.1. A independência de cada um: Faísca**

A pesquisa em campo foi feita a partir da aplicação de questionários<sup>8</sup> em duas feiras de publicações de Belo Horizonte, Faísca – Mercado Gráfico e Textura. A Faísca – Mercado Gráfico<sup>9</sup> é uma feira de publicações independentes belo-horizontina que ocorreu mensalmente durante a maior parte do ano de 2015 a 2017. A feira foi criada pelo artista gráfico Jão e pela produtora cultural Helen Murta. Definida por seus criadores como “um panorama das publicações independentes de Belo Horizonte”, a feira recebe, a cada edição, de 40 a 70 expositores para a exibição e venda de material publicado por seus próprios autores, muitas vezes de forma artesanal ou em tiragens limitadíssimas.

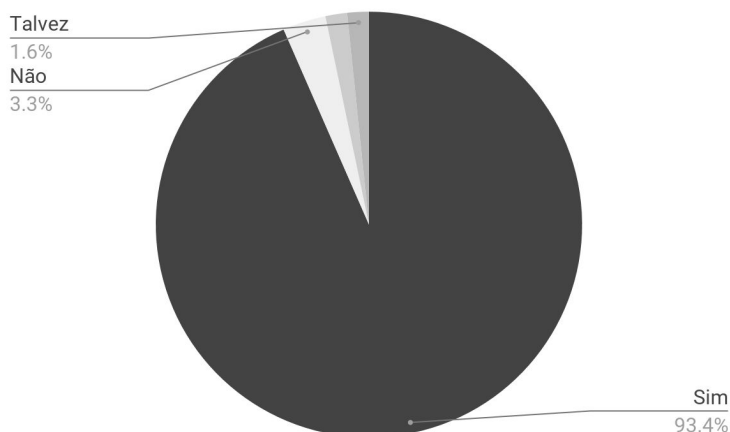
Em 18 de novembro de 2017, foi aplicado um questionário a 62 expositores presentes na Faísca – Mercado Gráfico, ocorrida na UNA – Campus Liberdade. O questionário em si é composto de 49 perguntas, das quais duas são relacionadas à questão do independente: (A) Você se considera um produtor independente? (B) Se a resposta tiver sido sim, o que significa ser independente para você?. A pergunta A era apresentada com caixas de “Sim”, “Não” e “Outro” e a pergunta B era seguida de espaço para resposta dissertativa curta.

---

<sup>8</sup> Os questionários em questão fazem parte da pesquisa de mestrado em Estudos de Linguagens da autora deste artigo no CEFET-MG.

<sup>9</sup> Informações coletadas em entrevista com os criadores da feira Faísca realizada em 4 de outubro de 2017.

Gráfico 1 - Você se considera um produtor independente? Respostas na Faisca (2017)



Fonte: Flávia Denise P. de Magalhães (2018)

À pergunta A, foram registradas 61 respostas<sup>10</sup>, sendo que 57 foram “sim”, duas foram “não”, uma, “também” e uma, “talvez”. A partir da observação e análise das respostas dos expositores à pergunta B foi criado um quadro, de acordo com os apontamentos estudados no livro *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin (2016).

Quadro 1 - O que significa ser independente para você? (2017) Categorização (Faisca)

Total de entrevistados que se declararam produtores independentes		57
Resposta à pergunta foi	Afirmativa (independente é...)	46
	Negativa (independente é não...)	9
	Não respondeu <sup>11</sup>	2
Menção a autonomia <sup>12</sup>	Presente	43
	Ausente	12
	Não respondeu	2
Tipos de independência mencionados <sup>13</sup>	Fazer tudo sozinho	26
	Liberdade criativa de produção	11
	Não há uma empresa (tradicional, formal ou instituição) ou editora envolvida	12
	Não ter patrocínio ou financiamento	10
	Não ceder ao (subverter o) mercado (maior, capitalista, tradicional)	6

<sup>10</sup> Somente autores ou editores, e não vendedores, respondiam a essa pergunta..

<sup>11</sup> Uma pessoa responde "(...)" e outra registra como resposta um texto que não tem relação com a pergunta: “Para mim, a linguagem das artes gráficas complementa minha produção como artista plástica/visual. É apenas um dos desdobramentos das poéticas e questões com as quais eu já trabalho com, por meio de zines, quadrinhos, livros de artista etc”.

<sup>12</sup> Aplicamos o sentido de governar-se com os próprios meios.

<sup>13</sup> Algumas respostas mencionam mais de um tipo de independência. Todos foram registrados.

	Produção passional (amor)	5
	Não foi identificado/ não respondeu	3
Outros tipos de menções (intercorrências) <sup>14</sup>	Produção	26
	Vendas	18
	Pagar as contas com a publicação	4
	Empreender/ gerenciar/ gerir	2

Fonte: Flávia Denise P. de Magalhães (2018)

Algumas observações sobre a elaboração do quadro devem ser feitas. O primeiro item, usado para registrar se a resposta foi afirmativa (independente é...) ou negativa (independente é não...), foi elaborado após uma leitura flutuante. Os subitens de “tipos de independência mencionados” foram criados a partir da análise das respostas, mas é importante observar que a própria percepção deles é inspirada pelo trabalho de Szpilbarg e Saferstein (2012), apesar de os itens não serem os mesmos apresentados pela dupla argentina. Os demais itens foram elaborados após uma observação detalhada do conteúdo das respostas.

Usamos o conceito de autônomo como aquele produtor que governa-se com os próprios meios. O grau de autonomia variou muito entre as respostas. Para preencher a tabela, a regra usada foi considerar a autonomia “presente” sempre que houve menção a um “fazer sem”, mesmo quando ele era específico (“sem financiamento”, “sem suporte institucional”, “sem patrão”) e não geral (“fazer tudo”, “por conta própria”, “eu mesma fazer”). Apesar da alta frequência da declaração de autonomia, nem sempre essa noção era considerada positiva, a exemplo da resposta “você corre atrás de tudo; eu brinco que todo independente ou grande parte, pelo menos, sonha em ser dependente, em ir para uma grande editora”.

Ainda assim, algumas respostas ofereceram um desafio para a categorização. A resposta “fazer a arte com a qual mais me identifico, o que eu quero”, é uma referência à liberdade criativa, mas não necessariamente à autonomia no sentido em que trabalhamos o termo. Assim, não identificamos menção à autonomia em sua resposta. Essa resposta não foi exceção. Das doze em que não observamos menção direta à autonomia, oito se referem à liberdade criativa de produção. Entre elas estão: “Ser

<sup>14</sup> Alguns mencionam mais de uma das opções, outros nenhuma.

---

artista de verdade, liberdade para fazer o que realmente acredita” e “liberdade criativa e editorial para experimentar”.

Assim, os expositores presentes na Faisca que se declararam independentes o fizeram de forma majoritariamente afirmativa (80,7%) e com menção a autonomia (75,4%), como “sou designer, fundadora da loja, e faço praticamente todos os processos”, “no momento, seria a publicação sem uma editora”, e “ser independente seria produzir por conta própria, às vezes até centralizando demais as funções por falta de verba, e não estar no ‘mercado maior’, mais industrial”.

Ao preencher o quadro registramos todos os tipos de independência mencionados, mesmo quando uma resposta se referia a mais de um. O tipo de independência mais citado foi “fazer tudo sozinho” (45,6%): “Produzir o seu próprio trabalho independente de outra pessoa para isso e conseguir vender”, “a questão da autoprodução do material” e “tudo feito por mim”. Também foram citados com frequência os itens “não há uma empresa (tradicional, formal ou instituição) ou editora envolvida” (21%), com declarações como “não estar submetida a uma empresa maior”; “liberdade criativa de produção” (19,3%), a exemplo de “liberdade criativa e editorial para experimentar”; e “não ter patrocínio ou financiamento” (17,5%), bem representado por “não ter financiamento de outros”.

A produção (45,6%) e as vendas (31,6%) do produto editorial também foram consistentemente citadas. Entre os exemplos estão: “Você não depender de nenhuma empresa ou editora e fazer seu próprio negócio, da criação a produção e venda”, “fazer todos os processos, desde a concepção até a venda, não passa por nenhuma outra mão a não ser a minha” e “produzir e vender por conta própria”.

## **2.2. Independência de cada um: Textura**

A Textura<sup>15</sup> é uma feira de publicações independentes que ocorre em Belo Horizonte desde março de 2017. Organizado uma vez a cada três meses, o evento foi idealizado por Elza Silveira e Wallison Gontijo, proprietários da Impressões de Minas Editora, e Lucas Brandão, proprietário do Agosto Butiquim. Definida por seus

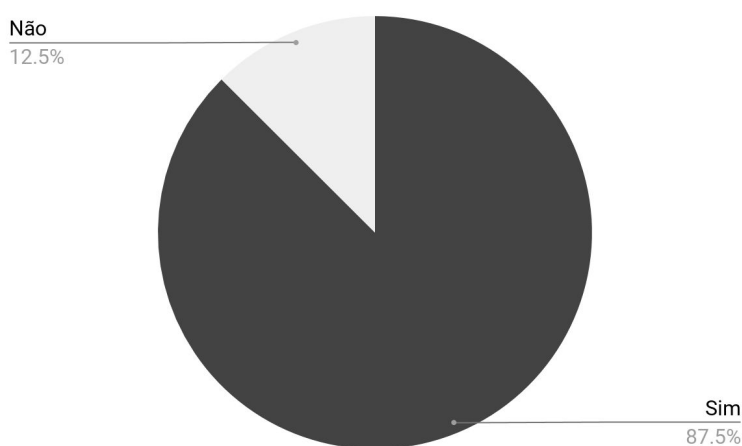
---

<sup>15</sup> Informações coletadas em entrevista com os criadores da feira da feira Textura em 23 de novembro de 2017.



idealizadores como “pequena feira de impressões e literatura”, a Textura tem seu foco na literatura. A feira recebe até 20 expositores a cada edição e ocorre no Agosto Butiquim, ocupando também a calçada em frente ao estabelecimento. Em 16 de dezembro de 2017, foi aplicado o mesmo questionário que na Faísca a 18 expositores presentes na Textura, ocorrida no Agosto Butiquim.

Gráfico 2 - Você se considera um produtor independente? Respostas na Textura (2017)



Fonte: Flávia Denise P. de Magalhães (2018)

Quadro 2 - O que significa ser independente para você? (2017) Categorização (Textura)

Total de entrevistados que se declararam produtores independentes		14
Resposta à pergunta foi	Afirmativa (independente é...)	10
	Negativa (independente é não...)	4
	Não respondeu	0
Menção a autonomia <sup>16</sup>	Presente	9
	Ausente	5
	Não respondeu	0
Tipos de independência mencionados <sup>17</sup>	Fazer tudo sozinho	2
	Liberdade criativa de produção	3
	Não há uma empresa (tradicional, formal ou instituição) ou editora envolvida	2
	Não ter patrocínio ou financiamento	6
	Não ceder ao (subverter o) mercado (maior, capitalista, tradicional)	4
	Produção passional (amor)	3
	Não foi identificado/ não respondeu	0

<sup>16</sup> Aplicamos o sentido de governar-se com os próprios meios.

<sup>17</sup> Algumas respostas mencionam mais de um tipo de independência. Todos foram registrados.

Outros tipos de menções (intercorrências) <sup>18</sup>	Produção	5
	Vendas	3
	Pagar as contas com a publicação	0
	Empreender/ gerenciar/ gerir	1

Fonte: Flávia Denise P. de Magalhães (2018)

À pergunta A, foram registradas 16 respostas<sup>19</sup>, sendo que 14 foram “sim” e duas foram “não”. As respostas à pergunta B na feira Textura foram categorizadas em um quadro idêntico ao usado na análise das respostas à mesma pergunta feita na feira Faisca. Assim como na Faisca, os expositores da Textura que declararam independentes o fizeram majoritariamente de forma afirmativa (71,4%), com menção à autonomia (64,2%), a exemplo de “eu me pergunto isso, é fazer as próprias custas, sem incentivos de terceiros” e “significa fazer tudo por conta própria, às vezes se sobrecarregando e tomando mais funções que se pode ter, por falta de recurso para passá-las adiante; também significa ficar fora do eixo conhecido como mainstream”.

As duas feiras estudadas se distanciam quando é feita a análise do tipo de independência mencionada. Na Textura, o mais citado foi “não ter patrocínio ou financiamento” (42,8%), como “conseguir expressar seu gosto sem suporte financeiro externo” e “não ter nenhum patrocínio e ter uma criação autoral”. Outro tipo de independência mencionado consistentemente foi “não ceder ao (subverter o) mercado (maior, capitalista, tradicional)” (28,6%), do qual podem ser citadas: “Significa fazer tudo por conta própria, às vezes se sobrecarregando e tomando mais funções que se pode ter, por falta de recurso para passá-las adiante; também significa ficar fora do eixo conhecido como ‘mainstream’” e “duas coisas: mercado independente, negócio do livro. E a possibilidade de publicar pessoas independentes. Que não precisa de grana para publicar. Dar oportunidade para um autor que as grandes editoras não teriam interesse”. Assim como ocorreu na Faisca, a produção e as vendas estiveram presentes nas respostas. A produção foi mencionada em cinco das respostas (35,7%) e as vendas em três delas (21,4%).

É importante observar algumas menções que surgem nas respostas da Textura e não estão contempladas no questionário. Ao menos três pessoas fizeram menção a uma

<sup>18</sup> Alguns mencionam mais de uma das opções, outros nenhuma.

<sup>19</sup> Somente autores ou editores, e não vendedores, respondiam a essa pergunta..

---

rede de produtores, o que havia sido observado em somente uma resposta na Faísca. Houve, ainda, menção a uma identificação com o independente, aos moldes do descrito por Muniz (2016, 2017) na resposta que começa: “Inicialmente, se autointitula independente”. Também nos chamou a atenção uma resposta que se refere à independência como modo de produção, como é proposto por Oliveira (2017): “Independente significa pra mim ter a distribuição limitada, o número de publicação por ano, a forma de receber os originais e o tratamento com os e as autoras”.

Também é importante frisar que a comparação entre os quadros 1 e 2, deve ser feita com ressalvas. Isso ocorre porque cada feira tem características particulares que influenciam os resultados dos questionários, especialmente no item “tipos de independência mencionados”. A Faísca é uma feira que tem um grande número de produtores, autores e artistas independentes, que criam e publicam eles mesmos seus próprios trabalhos. A literatura é minoria na feira que se divide em dez áreas<sup>20</sup> – somente nove dos 62 (14,5%) entrevistados identificaram que seus trabalhos estavam relacionados à área de Letras (literatura, quadrinhos, zine, livro de artista, revista etc) enquanto 48 (77,4%) declararam ser do Design (arte digital, fotografia, ilustração, papelaria etc). Entre os 62 expositores presentes na edição em que foi aplicado o questionário, somente três (4,8%) eram editoras: Lote 42, Kuringa, Vias de Fato. Já entre quem respondeu ao questionário na Textura, feira em que nove de 18 (50%) expositores se declararam da Letras e seis (33,3) do Design, estão editoras belo-horizontinas como Impressões de Minas, Casa, Letramento, Mazza, Moinhos, Modular, Crivo, Crisálida e Chão da Feira, o que representa 50% dos expositores que responderam ao questionário.

Levando o perfil dos expositores de cada uma das feiras estudadas em consideração, podemos contextualizar os números levantados no item “tipos de independência mencionados”. Faz sentido lógico que 26 artistas autopublicados mencionem “fazer tudo sozinho” na Faísca e somente 2 o façam na Textura. Ora, um evento é praticamente composto de gente que “faz tudo sozinho” enquanto o outro tem um número grande de empresas, mesmo que de pequeno porte. A menção mais bem

---

<sup>20</sup> Quadrinhos, literatura, design, ilustração, fotografia, gravura, arte digital, livros de artista, zine e papelaria.

---

citada em ambas as feiras é “não ter patrocínio ou financiamento”, mencionada por dez pessoas na Faísca (17,5%) e por seis na Textura (42,8%).

Podemos concluir, com base nos números levantados a partir da análise das respostas às perguntas (A) Você se considera um produtor independente? (B) Se a resposta tiver sido sim, o que significa ser independente para você?, que a grandíssima maioria dos expositores entrevistados se consideram produtores independentes (93,4% na Faísca; 87,5% na Textura). Também podemos concluir que, ao elaborar sua definição de independente, eles o fazem de forma afirmativa (80,7% na Faísca; 71,4% na Textura) e com menção à autonomia (75,4% na Faísca; 64,2% na Textura). Considerando ambas as feiras, o tipo de independência mais citado é “não ter patrocínio ou financiamento” (17,5% na Faísca; 42,8% na Textura) enquanto, considerando as feiras individualmente, “fazer tudo sozinho” (45,6%), “não há uma empresa (tradicional, formal ou instituição) ou editora envolvida” (21%), “liberdade criativa de produção” (19,3%) são citados de forma consistente na Faísca, assim como “não ceder ao (subverter o) mercado (maior, capitalista, tradicional)” (28,6%) o é na Textura.

Por fim, chamo a atenção para as menções a duas etapas do processo de publicação mencionadas nas respostas: a produção e as vendas. Ambas foram citadas espontaneamente, uma vez que não havia menção a elas na pergunta, e com frequência. “Produção” surge em 45,6% das respostas da Faísca e em 35,7% das respostas da Textura. Já “vendas” é mencionada em 31,6% das respostas da Faísca e em 21,4% das respostas da Textura. Com base nesses números, podemos apontar que há fortes indícios que, ao menos na concepção dos produtores independentes entrevistados, a questão da independência ultrapassa a etapa da criação e engloba, também, a etapa da distribuição do material publicado.

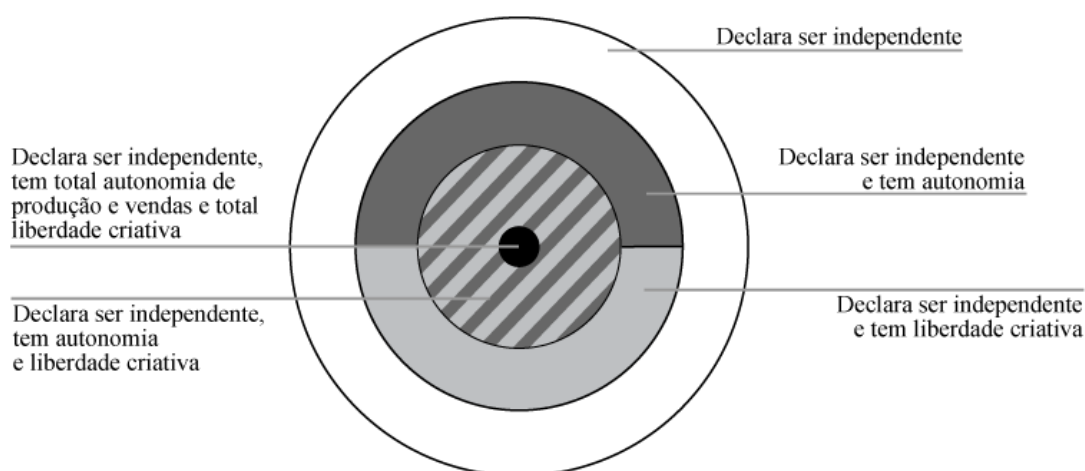
### **3. O mapa do independente**

Levando em consideração os dados levantados nas feiras e as observações de pesquisadores do tema, que observam o aumento do uso do termo, sua dificuldade de definição e sua relação com conjunturas político-econômicas, talvez seja interessante inverter o ponto de observação e considerar o termo “independente” a partir da

definição dos próprios produtores. Olhando por esse prisma, podemos observar o independente a partir de suas três manifestações mais claras: (1) afirmação identitária do produtor como independente, (2) produção e distribuição com os próprios meios e (3) liberdade criativa de produção. Nessa linha de pensamento, podemos definir que o núcleo, o ponto central do independente, pode ser representado, com pureza, por um produtor que declara-se independente sem hesitações de qualquer natureza, produz e vende com seus próprios meios, sem ajuda de qualquer natureza, e exerce total liberdade criativa, não tendo que responder a ninguém sobre o que cria.

A partir disso, é possível traçar um mapa do independente aos moldes de um mapa de tiro ao alvo (Figura 1). No centro, localizamos a noção “pura” do termo e, a medida em que se distancia desse núcleo, menor a autonomia e a liberdade criativa. A margem desse mapa, o limite do alvo, é a autodeclaração de independente, em concordância com Muniz Jr. (2016, 2017). Somente será mapeado quem se declara independente. Entre o centro e a margem, assim como em um mapa de tiro ao alvo há diversas posições que refletem o número de “pontos” do independente. Quanto mais autônomo e com maior liberdade criativa, mais “pontos” acumulados e mais ao centro está o produtor independente.

Figura 1: O mapa do independente



Fonte: Flávia Denise P. de Magalhães (2018)

O modelo proposto pode ser uma solução para entender as sutis diferenças entre um produtor independente e outro, para entender as aproximações e distanciamentos entre um autor autopublicado e uma editora – principalmente quando ambos

---

declaram-se independentes. Em outras palavras, a editora de médio porte que usa financiamento governamental e cria a partir das diretrizes do estado e se declara independente está localizada no mapa, mas não em uma posição central. A editora de médio porte que publica por seus próprios meios, vende em feiras e permite total liberdade criativa a seus autores está mais próxima ao centro. Já o núcleo deste mapa fica destinado aos produtores independentes que, como muitos produtores da Faísca apontaram, fazem tudo eles mesmos, da criação, passando pela publicação até as vendas. Desta forma, é dada ao termo uma margem sem deixar de respeitar a identificação de cada produtor ou empresa com o independente.

Seguindo o modelo, poderíamos incluir todos os que responderam “sim” à pergunta “você se considera um produtor independente” no gráfico e aproximá-los ou afastá-los do centro dependendo do grau de autonomia e de liberdade criativa. O resultado, acreditamos, seria um reflexo dos quadros 1 e 2, no qual vemos que há uma abundância de posições, mesmo entre aqueles que se declaram independente.

#### **4. Considerações finais**

O poder de definir as fronteiras de um campo também é o poder de legitimar ou não um agente dentro deste campo. A própria busca por uma definição do termo independente é um movimento político que inclui e exclui, beneficia e prejudica aqueles que assim se consideram. É muitas vezes pautada por uma vontade não de entender as motivações e práticas de quem assim se declara, mas de determinar quem pode e quem não pode ser considerado independente. Para quem busca uma forma de determinar quem é e quem não é independente, o modelo proposto neste estudo não é solução de qualquer tipo, uma vez que representa uma tentativa de compreensão do que cada produtor independente fala quando ele se declara independente e como cada um situa-se em relação a outros produtores independentes em um cenário em que há cada vez mais artistas identificando-se (funcionalmente e espiritualmente) com o termo “independente”. Apesar disso, a compreensão do que pensam esses produtores sobre suas próprias práticas e como se inserem num mercado ou fora de um mercado, por mais inicial que seja a apresentada aqui, é uma forma de dar voz a quem a busca.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016. 279 p.

BOURDIEU, Pierre. “O ponto de vista do autor: Algumas propriedades gerais dos campos de produção cultural”. In: **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Trad. Maria Lucia Machado. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P. 243-318.

LÓPEZ WINNE, Hernán; MALUMIÁN, Víctor. **Independientes, ¿de qué?:** Hablan los editores de América Latina. México: FCE, 2016. 159 p.

MUNIZ JR., José de Souza. **Girafas e bonsais: editores “independentes” na Argentina e no Brasil (1991-2015)**. 2016. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Alice Bicalho de. **A Independência é um modo de produção**. Revista Em Tese: Belo Horizonte. v. 22 n. 3 set.-dez. 2016. p. 78-89.

SORÁ, Gustavo. **El mundo como feria:** In(ter)dependencias editoriales en la Feria de Frankfurt. Comunicación y medios n. 27 (2013). Instituto de la Comunicación e Imagen. Universidad de Chile. p.102-128.

SZPILBARG, Daniela. **La edición como artesanal**. Disponível em <<http://www.no-retornable.com.ar/v7/dossier/szpilbarg.html>>. Acesso em 3 de novembro de 2017

SZPILBARG, Daniela; SAFERSTEIN, Ezequiel A. **El espacio editorial "independiente":** heterogeneidad, posicionamientos y debates: Hacia una tipología de las editoriales en el período 1998-2010. Primer Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición, 31 de outubro, 1º e 2 de novembro de 2012, La Plata, Argentina. Disponível em: <[http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab\\_eventos/ev.1955/ev.1955.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.1955/ev.1955.pdf)>. Acesso em 3 de novembro de 2017.